

Tania Alice*

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Anderson José Caetano de Souza (Zé Caetano)**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Programas performativos, do início ao fim

Resumo: Dois artistas-pesquisadores trocam instruções performativas como processo de construção deste artigo. Através de cartas, mensagens de WhatsApp e telefonemas, enviam um para o outro pequenos programas performativos a serem executados no prazo de sete dias. Depois, acompanham juntos o que o artigo revela a partir dessas pequenas ações artísticas e observam o que nasceu, está nascendo ou poderia ter nascido. O processo assume a incerteza como parte fundamental de qualquer processo criativo em tempo limitado e a partir de instruções precisas.

Palavras-chave: performance, programa performativo, instruções de ação

Abstract: Two artist-researchers exchange performance instructions as part of the process of constructing this article. Through letters, WhatsApp messages and phone calls, they send each other small directions and programs to be carried out within seven days. Then, together, they follow what the article reveals from these small artistic actions and observe what has been born, is being born or could have been born. The process assumes uncertainty as a fundamental part of any creative process in limited time and from precise instructions. The process embraces uncertainty as an essential condition of any creative endeavor.

Keywords: performance art, performative program, action instructions

Nada começa exatamente por aqui.
Há um aceno.
Um convite. Uma troca entre dois artistas-pesquisadores que, em vez de explicar, preferem
perguntar:
E se escrever fosse também um jeito de escutar?
E se investigar fosse um modo de lembrar juntinhos?

Limeira, 8 de março de 2025.

Tania,

Aqui, decidi ficar quietinho por uns dias para me recuperar das viradas que o carnaval faz dentro da gente.

Escrevo porque, no silêncio dos dias, uma coisa tem me desassossegado: isso que chamamos de pesquisa em arte, o que é? Por que queremos reivindicar (ou quebrar) essas fronteiras entre pesquisarte? Digo “pesquisarte” porque acho que é tudo assim mesmo, juntinho, bem pertinho.

Lembro da urgência de viver a vida com encantamento e de como, às vezes, essa urgência se embola com a necessidade de dizer, nomear, justificar. Mas e se a pesquisa for, antes de tudo, um modo de estar poroso ao que nos atravessa? E se for menos um esforço de delimitação e mais um gesto de abertura?

Tenho algumas pistas e queria dividir. Vamos brincar?

- 1. Se a pesquisa fosse uma fruta, qual seria?**
- 2. Se o fazer artístico fosse um objeto, qual seria?**
- 3. Se a pesquisa em arte fosse uma memória, qual seria?**

Rio de Janeiro, 8 de março de 2025.

Caetano,

Viajar sem rumo: será possível? Precisaríamos ter um destino como norte, um lugar sonhado onde chegar, como Tamara Klink no seu livro “Nós: O Atlântico em Solitário”? Ou podemos rumar a partir daquilo que brota no caminho, derivando nas ondas? As viagens mais lindas não seriam aquelas que não somente acontecem, mas, como diz Larrossa, “nos” acontecem?

Sempre amei derivas. Apenas andar. Sentir. Respirar. Eventualmente: criar a partir daquilo que surge. Sigamos.

Te abraço,

Tania

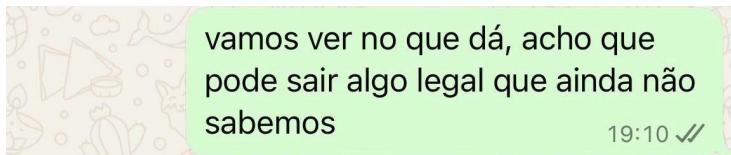
PS. Seguem as minhas “respostas”.



Pesquisarte fruta?

Deve envolver certo sofrimento crescer pra ser fruta. Talvez, o contorno do concreto nos evite ser pipa sem fio.

Algumas sementes brotam do concreto apesar de tudo. Cuidamos, regamos, esperamos –, mas é como a infância, não há garantia de êxito. É preciso buscar o encanto dos segundos e dos pequenos espaços, sempre.



Fazer artístico: objeto?

Uma bolha de sabão, esse encanto impermanente e fluido?

Uma chama sempre acesa para manter a poética da vida acesa?

Tentei experiências de água, de fogo, de ar. De terra, nem quis tentar.

São tantas as possibilidades, mas me encantaram essas:

Pela impermanência

Pela fluidez

Pela clara materialização do tempo que passa e deixa apenas os encantamentos produzidos e sonhos realizados.

Por ser elo de leveza, entre você e eu.

A pesquisa em arte, uma memória?



Encontrar “meu” cão e criar junto com ele:
esperança germinada na infância, desassossego constante, espera sem fim.
Buda chegou no início da pandemia. No caos, criamos encantamentos possíveis .
Era o que nos restava.
Mais do que nunca, era preciso focar no pulsar da vida para sustentar o equilíbrio
em cima do abismo.

– *E se eu cair?*
– *Sim, mas e se você voar?*

Descobrimos o amor.



Limeira, 09 de março de 2025.

Tania,

Acho que utilizo essa escrita quase como um encontro com desassossegos que nunca soube como dizer. Saí para a rua e, da casa da minha mãe, vi o pé de primavera que meu pai plantou: insiste em seguir o caminho das telhas, insiste em vir para o lado de casa. Acho isso bonito. Como se a planta soubesse que certos lugares a chamam, que há direções inevitáveis. Talvez pesquisar seja um pouco isso também: um crescimento que não se dá sozinho, mas que se apoia, que se curva para onde a vida insiste. Algo que se estende para além do que foi previsto, atravessando muros, criando passagens onde antes só havia alguma espécie de fronteira.

Aqui, penso os programas performativo como essas passagens: convites para se desviar, para escutar o que pulsa nas bordas, para criar a partir do que não estava previsto. Eles não seguem um trajeto fixo — se espalham como raízes em busca de brechas, reinventam percursos. São modos de operar poeticamente no mundo, em que gesto,

escuta e escrita se entrelaçam num contínuo de criação situada, contaminada pelo entorno, pelas urgências, pelas dobras do tempo.

Li o que disse sobre a pesquisa: “A semente brota. Cuidamos, regamos, esperamos. Não há garantia nenhuma”. Isso me fez lembrar daquela performance do seu Manual para Performers e Não-performers, em que você convidava os alunos a escreverem, em um papel semente, uma saudade, um trauma, um desconforto — algo a ser plantado e cuidado, na esperança de que florescesse. Me questiono, como exercício, o que fazer quando a planta desvia do seu caminho. Como lidar com o crescimento que vai além do esperado? E quando o desvio se transforma em uma passagem inesperada, onde antes parecia haver uma fronteira? O que floresce quando permitimos que nossa pesquisa ou nossa arte ou a vida se curve para um caminho não planejado, atravessando o limite do previsto?

Como lidar com a curva?

O que acontece?

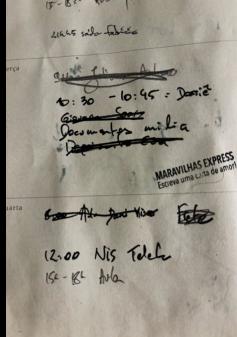
A quem a gente recorre?

Te envio a instrução 2 – dar continuidade.

Beijos,

Caetano.

Observar ao seu redor, até dentro de casa. Identificar cinco desvios que acontecem no seu cotidiano: eles podem estar na parede, no chão, na janela, na rua, nas nuvens. São aqueles pequenos movimentos que alteram alguma espécie de continuidade, de padronização; às vezes, de maneira sutil, mas que fazem toda a diferença. Capturá-los para essa escrita.



Rio de Janeiro, 10 de março de 2025.

Caetano,

Re-PARE: novamente, me vem a pandemia.

Inventamos tantas instruções nesse período para sobreviver, que quando as janelas se abriram pra gente borboletar novamente, só lembramos de esquecer.

Seu programa fez voar a poeira deste período, onde era peso ser pessoa.

Na época, junto com alguns amigos artistas, criávamos instruções poéticas todos os dias – lembra? Todo dia: programas culinários, criativos, programas atencionais, de maquiagem, pinturas, narrativas. Tudo era motivo para des-ver, rever, trans-ver, como escreve Manoel de Barros.

Estávamos tentando entender como seria possível esquecer a realidade por alguns minutos, ou ter “ideias para adiar o fim do mundo” (Krenak: 2020). Escrevi Manual para performers e não-performers naquele ano, como uma fuga, um repertório, uma esperança. Nunca quis dizer como fazer performance, nem que houvesse um caminho certo para isso: queria ajudar as pessoas que queriam fazer performances sem saber como começar a começar em algum lugar, de repente, reperformando algumas performances que tinha realizado ao longo dos anos, a partir dos erros e acertos envolvidos nessa tentativa. Refleti sobre programas performativos e escrevi o seguinte no livro:

A noção de ações a serem executadas por participantes nasceu com a prática de sugestões de ações poéticas criadas, inicialmente, pelos membros do movimento Fluxus. Fluxus foi um movimento artístico internacional e interdisciplinar, que fundia as instâncias da arte e da vida. Atuou, principalmente, nos anos 1960 e 70, reunindo artistas que mesclavam diferentes formas de arte e influenciando profundamente a cena artística e a arte da performance. Observando essas e outras ações, e inspirando-se no conceito de “motor de experimentação” de Deleuze e Guattari (1999: 12), a artista-pesquisadora Eleonora Fabião elaborou a noção de “programa performativo”, que ela define da seguinte maneira: “Muito objetivamente, o programa é o enunciado da performance: um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por ambos, sem ensaio prévio. Ou seja, a temporalidade do programa é muito diferente daquela do espetáculo, do ensaio, da improvisação, da coreografia. ‘Vou sentar em uma poltrona por 3 dias e tentar fazer levitar um frasco de leite de magnésia. No sábado às 17:30 me levantarei’. É este programa/enunciado que possibilita, norteia e move a experimentação. Proponho que quanto mais claro e conciso for o enunciado – sem adjetivos e com verbos no infinitivo –, mais fluida será a experimentação”. (Alice 2020: 17-18)

Também gostaria que desenterrasse algo pandêmico e trouxesse para a luz do dia.

Com amor, Tania.

Desterrar uma foto-performance realizada durante pandemia.
Postá-la aqui com um texto explicativo, para encerrar definitivamente esta fase.







Limeira, 12 de março de 2025.

Tania,

Meu programa foi: escrever em seis pacotes de papelão seis coisas que se perderam com a pandemia.

Terminei a faculdade online. Foi estranho porque, quando a pandemia começou, havia se passado um ano desde a morte do meu pai. Voltei a morar com minha mãe. Dificuldade em fazer arte. Trabalhei como garçom com muitas máscaras e muito álcool em gel.

Durante uma aula online, li um texto em que escrevi: “E eu não tenho a menor ideia do porquê estou aqui contando para vocês agora, mas descobri que o ato de contar sempre faz parte dos processos de cura ou de uma movimentação”. Talvez a escrita fosse um jeito de atravessar o tempo. Talvez fosse só uma tentativa de não deixar as coisas se apagarem completamente. Queria te propor uma tarefa que tem a ver com isso:

Programa para lembrar e esquecer:

Descrever, em poucas linhas, quando a escrita foi uma luta contra o esquecimento e quando foi uma possibilidade de esquecer.

Saudades, Caetano.

Rio de Janeiro, 13 de março de 2025.

Caetano,

Segue o meu programa para esquecer...

Ele foi realizado no Nepal, em 2015, logo após os terremotos que destruíram parte do país. Para lutar contra o medo, criei o seguinte programa performativo.

Ir para a rua. Coletar abraços de 5, 10 ou 15 minutos de duração no Brasil e pedir para a pessoa imaginar um destinatário para este abraço que tenha sido vítima dos terremotos. Anotar os destinatários em um caderno de abraços. Ir para o Nepal. Procurar os destinatários. Entregar os abraços junto com uma foto do remetente. Enviar uma foto do receptor do abraço para o remetente.

Caetano, em quatro semanas, pisando em uma terra trêmula afetada por réplicas dos terremotos, no meio dos alojamentos improvisados, distribui 149 abraços. Compartilho contigo a minha foto preferida. Uma turma de alunos da UNIRIO destinou um abraço coletivo para crianças de uma escola afetada pelos terremotos. Entreguei o abraço para uma turma de alunos do Nepal. Acredito que, na duração de um abraço, seja possível esquecer a perda, a solidão, o desamparo e, de alguma forma, se reconectar com os fluxos da vida.

O gesto de carregar abraços de um país a outro funda uma imagem de deslocamento afetivo que escapa de qualquer lógica da representação: o abraço, na sua simplicidade, se torna uma partitura viva de memória e de esperança. Há uma poesia do encontro, mas também da tradução: o corpo transporta algo que não se vê e, ainda assim, modifica o entorno e o interior de cada nós.

Quando voltei de viagem, logo em seguida, criei o meu programa performativo para lembrar: um jogo da memória. Pessoas de todas as idades podem jogar: você precisa conectar a pessoa que enviou o abraço com a pessoa que recebeu. Quem mais conecta pessoas, ganha.

Transformar lembranças em peças de um jogo não é apenas uma brincadeira: é uma forma de lidar com o indizível e transformar o vivido em experiência somática para outros. A imagem que emerge desse emaranhado de pessoas tentando conectar

remetentes e destinatários de afetos configura uma poética do cuidado, de produção de saúde e vida. É como se disséssemos: lembrar é também inventar uma forma de manter vivos aqueles que nos atravessaram.



Foi uma pequena utopia, inventar um mundo de solidariedade e afeto em um mundo que estava sendo destruído. Aproveito para te perguntar se você já criou um programa utópico: aquele que você nunca realizou ou acha que nunca vai conseguir realizar.

Em 2023, montei uma Fábrica de Sonhos, minha utopia era realizar os sonhos de todo mundo. Estamos chegando em quase 100 sonhos e você ajudou muito nessa construção. E você, qual seu sonho impossível?

Aquele abraço, Tania.

Escrever um programa performativo utópico. Aquele que você gostaria de criar para mudar tudo. Aquele que você amaria fazer, mas acha impossível. É isso: descreva um programa impossível.

Limeira, 14 de março de 2025.

Tania, segue:

Onde estiver, plantar um pé de jabuticaba, quando sentir saudade.

Esse seria meu programa utópico

Impossível

Mas tenho medo de viver plantando pés de jabuticabas por aí.

Acho que daria alguma desestabilização. Não daria certo. Como plantaria um pé de jabuticaba bem no meio da estação de trem da Central do Brasil, por exemplo?

Outro programa que nunca fiz, mas tenho vontade, é fazer um mapa de saudades e substituir os nomes de continentes, países, estados, cidades, bairros, mares, rios e mangues por “Saudade da _____”, de acordo com o nome da coisa que fez saudade

naquele local. Nomearia Limeira, a cidade que nasci, como “Saudade de pai”.

Já pensou? Se procuramos esquecer algumas épocas com nossos programas, também buscamos resgatar outros. Te ofereço essa experiência.

Caetano

**Fazer uma cartografia dos lugares de que mais sentiu saudade.
Nomear uma praia, uma cidade e um país de acordo com aquilo de que você sente saudade de lá.**

Rio de Janeiro, 15 de março de 2025.



Marseille, França, 2017.

Caetano,

No ano de 2017, vivi na base de um programa performativo: ir para a casa de pessoas e dançar com elas, ao acordarem, a sua música preferida. Dancei muitas, mas muitas danças com corpos despertando e alegria emergindo. Conto essa experiência com todos os seus detalhes em um artigo de pesquisa em arte .

Acredito, Caetano, que viajamos muito para o passado. Em 2016, um ano antes das danças, realizei uma performance intitulada “Hokahey – hoje é um dia bom para morrer”. Pessoas chegavam até a minha casa para aprender a morrer. Cada um criava a sua própria lápide, ligava para algumas pessoas para colocar afetos em dia, se perdoava e entrava em um caixão rosa onde ficava ouvindo uma leitura de O Livro Tibetano do Viver e do Morrer, como uma forma de preparação. Mais de 50 pessoas vieram tentar aprender a morrer – o que, paradoxalmente, nos trazia um desejo ferrenho de viver. Com os arquivos da ação ao vivo, também participei de mostras de performance, mas, em grande parte, as pessoas vinham morrer e ressuscitar na minha casa.

Quero te propor uma ação presente: um programa performativo para encerrar. Utópico e realizado. E que quem nos lê também possa realizá-la onde estiver. Será o ponto final desta viagem de pesquisa em arte que nos fez mergulhar no passado e perceber que os programas performativos mais desafiadores surgem em situações de trauma e de crise. Proponho encerrar com este cuidado, pensando em um programa futuro para cuidar do mundo. “São tempos difíceis para sonhadores?”, como questiona o filme Amélie Poulain? Então, mais do que nunca, vale sonhar.

Um abraço gigante,
Tania

Limeira, 16 de março de 2025.

**Antes de dormir, pergunte a alguém próximo:
“Se pudesse me emprestar um sonho, qual seria?”
Anote e, ao dormir, coloque embaixo do travesseiro.**

Ao acordar, relate o que sonhou e devolva o sonho, transformado, para quem o emprestou.

O que mais me fascina nos programas performativos é esse convite ao risco, à troca, à contaminação pelo outro: entre estrutura e imprevisibilidade, entre método e deriva, ele inaugura um território onde a experiência se torna central. Quase um ensaio contínuo em que o fazer(-se) e o refazer (-se) se confundem e, aqui, achei curioso atravessar corpos adormecidos, se reinventar na escuta de outros.

Enquanto escrevia, lembrei que Jean-Claude Bernardet, ao refletir sobre os processos criativos, propõe que a obra pode estar no próprio percurso, e não apenas em um produto final fixo, pois é no processo que se instauram os desvios, as falhas, as hesitações e as descobertas que realimentam a criação. Para Bernardet, a experiência artística não se esgota na conclusão de um objeto fechado: se manifesta nas trajetórias inacabadas, nas perguntas que permanecem em suspensão e nos sentidos que se deslocam no tempo. Assim, um programa performativo que opera com sonhos emprestados inscreve-se nessa lógica, pois não visa à captura de um significado definitivo, mas à ativação de um espaço transitório de fabulações e trocas.

Tania, acho que é urgente sustentar imaginários que nos permitam continuar vivendo e sonhando

cavar buracos em meio à correria

dar ordens aos sonhos

escrever em companhia

sonhar sonhar sonhar.

Entre o que se perde ao acordar e o que pode ser devolvido ao outro, há um espaço de criação que escapa à lógica da posse: o sonho emprestado já não pertence a quem o ofereceu, tampouco a quem o recebeu. Ele segue seu percurso, contaminado pelo sono de corpos, pela escuta de outro e pela impossibilidade de fixá-lo: perder-se nas autorias da invenção.

Por último, há alguma espécie de convite: o corpo dorme enquanto a imaginação do outro se infiltra, invade. Há uma espécie de escrita coletiva, mesmo que em um plano inconsciente, em que o ato de sonhar se torna matéria de troca.

Seguimos deixando fragmentos nossos pelo caminho, enquanto recolhemos vestígios de outros. Não sabemos exatamente onde tudo vai dar, mas continuemos

Continuemos
Continuemo
Continuem
Continue
Contiu
Conti
Cont
Con
Co
C.

NOTAS

* Tania Alice sonha com uma revolução dos afetos pela performance e pretende performar até que isso aconteça. Artista-pesquisadora e professora titular da UNIRIO, Tania Alice é diretora artística dos Performers sem Fronteiras e do grupo de pesquisa “Práticas performativas contemporâneas”. Terapeuta do trauma e instrutora de Yoga do Riso, também é bolsista de produtividade em pesquisa em artes do CNPq e foi artista-pesquisadora convidada em universidades como a CalArts (bolsa Fulbright), a Universidade Livre de Bruxelas, a Université de Franche-Comté e a Sorbonne, entre outras. Seu trabalho artístico foi realizado em instituições como o MAC/Niterói, o Teatro Nacional de Bruxelas, o Museu de la Ciudad de México, Side Street Project e Glasshouse ArtLifeLab (USA), entre outras instituições e festivais de renome, e ela publicou diversos livros e artigos sobre performance, como *Performance como revolução dos afetos*, *Manual para Performers* e *Não-performers e Arte Relacional no Brasil – o que se faz, o que se come*. Ela realiza projetos artísticos participativos e relacionais em camas, cozinhas, espaços urbanos e florestas e até mesmo em teatros e galerias do mundo inteiro com pessoas, animais e árvores.

** Zé Caetano é discente de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Unirio. Mestre pelo mesmo programa, foi orientado pela professora Dra. Tania Alice com coorientação da Dra. Carolina Bonfim. Bacharel em Atuação Cênica pela Unirio. Atuou como estagiário no Museu de Imagens do Inconsciente, instituição fundada pela Dra. Nise da Silveira e referência na reforma psiquiátrica brasileira. Além de sua trajetória acadêmica e artística, dedica-se à criação de galinhas e saudades.

Este trabalho recebeu apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, em conjunto com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação – MCTI e do Governo Federal do Brasil por meio da bolsa de produtividade em pesquisa – processo n. 302924/2022-1.

¹ Junto com os *Performers sem Fronteiras*, criamos na pandemia um espetáculo chamado *Crescer pra passarinho*, apresentado 90 vezes, para coletar dinheiro para a compra de cestas básicas para artistas. Além disso, Buda e Tania Alice realizaram 25 performances, sendo algumas re-enactments de performances famosas. A dupla interespécies, em parceria com a veterinária e monitora Manu Mellão, desenvolveu oficinas de performances e participou da Mostra Internacional de Teatro (MIT) e ministrou oficinas para o SESC no Programa SESC EM CASA.

² <<https://revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/17115>> (último acesso em 16 de mar. 2025).

Bibliografia

- Alice, Tania (2020), *Manual para Performers e Não-performers – 21 ações artísticas para produzir felicidade*, Rio de Janeiro: Multifoco, 2020.
- Bernardet, Jean-Claude / Buzzar, Rita (2025), “O processo como obra”, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 jul. 2003, <www.folha.uol.com.br> (último acesso em 16 mar. 2025).
- Bondia, Jorge Larrosa (2002), “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, *Rev. Bras. Educ. [online]*, n.19: 20-28.
- Deleuze, Gilles / Guattari, Félix (1999), “28 de novembro de 1947 – como criar para si um Corpo sem Orgãos”, in *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 3. Trad. de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo, Editora 34: 12.
- Fabião, Eleonora (2013), “Corpo-em-Experiência”, *Ilinx Revista Lume*, Campinas, n. 04.
- Klink, Tamara (2023), *Nós: O Atlântico em Solitário*, São Paulo, Cia das Letras.
- Krenak, Ailton (2020), *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, São Paulo, Cia das Letras.
- Passos, E. / Benevides, R (2014), “A cartografia como método de pesquisa intervenção”, in Passos, E. / Kastrup, V / Escóssia, L (Orgs.), *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*, Porto Alegre, Sulina.
- Rinpoche, Sogyal (2019), *O livro Tibetano do Viver e do Morrer*, São Paulo, Palas Athen.